

Reescrita

processo de produção textual¹

Cinara Ferreira Pavani²
Odete Maria Benetti Boff³
Vanilda Salton Köche⁴

Resumo

A escrita é um trabalho quase sempre imperfeito, que deve ser aprimorado através da reescrita. Esta assume um estatuto de vital importância no ensino da produção textual visto que possibilita a reflexão, a análise e o melhoramento do texto.

Palavras-chave: reescrita, aperfeiçoamento, produção textual.

-
- ¹ Este artigo faz parte da fundamentação teórica da pesquisa *A reescrita em língua portuguesa instrumental*, coordenada pela Prof.^a Ms. Vanilda Salton Köche, com o apoio da Universidade de Caxias do Sul.
- ² Mestre em Teoria da Literatura (PUCRS), doutoranda em Literatura Comparada (Ufrgs), professora de língua portuguesa da Universidade de Caxias do Sul - Carvi.
- ³ Especialista em Metodologia da Pesquisa e do Ensino: Língua Portuguesa (UCS), mestranda em Educação (UPF), professora de língua portuguesa da Universidade de Caxias do Sul - Carvi.
- ⁴ Mestre em Estudos da Linguagem (UFRGS), professora de língua portuguesa da Universidade de Caxias do Sul - Carvi.

Duas vezes beijou a lona. Poeira, suor, sangue. Voltava a reagir, alguém sugeriu que lhe atirassem a toalha, é melhor desistir, chega! Mas ele ia buscar forças sabe Deus onde e se levantava de novo, o fervor acendendo a fresta do olho quase encoberta pela pálpebra inchada. Fiquei vendo a imagem silenciosa do lutador solitário – mas quem podia ajudá-lo? Era a coragem que o sustentava? A vaidade? Simples ambição de riqueza, aplauso? [...] E de repente me emocionei: na imagem do lutador de boxe vi a imagem do escritor no corpo-a-corpo com a palavra.

Telles, 1988, p. 7

Introdução

Em nossa prática docente com alunos de 3º grau, constatamos que os alunos não têm o hábito de reescrever seus textos. Ocupam-se, geralmente, com as correções de superfície e, muito raramente, com a mudança de conteúdo. As operações de revisão que eles realizam são de mera correção ortográfica.

O presente artigo tem o propósito de discutir a importância da reescrita como uma etapa da produção textual, sem a qual o texto não se completa. É importante abordar a questão uma vez que essa prática é um momento do processo construtivo de um texto, considerado como um trabalho que envolve interação, análise, reflexão e recriação. Este estudo tem como fundamentos teóricos as contribuições de Bakhtin (1981), Fiad e Mayrink-Sabinson (1993), Geraldi (1997), Guedes (1994), Halté (1989), Kato (1990), Petitjean (1994), Orlandi (1988), Pécora (1992) e Köche (1996).

O trabalho apresenta, inicialmente, reflexões teóricas sobre língua, linguagem e texto na perspectiva interacionista; em seguida, aborda a reescrita como elemento indispensável na produção de um texto e, por último, trata da atuação pedagógica envolvida nesse processo.

Língua, linguagem e texto

A reflexão sobre o ato de escrever e de reescrever remete a algumas considerações sobre as concepções de língua, de linguagem e de texto. Para Bakhtin, “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo seu fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”. (1981, p. 123) O ser humano inexistiria fora das relações com o outro, tomando consciência através do outro e recebendo as palavras, as formas e a tonalidade que compõem a primeira imagem de si mesmo. Nesse sentido, a enunciação é a emissão de um conjunto de signos, sendo produto da interação social dos indivíduos, que ocorre em um determinado momento, jamais se repetindo.

Desse modo, segundo Bakhtin, a linguagem, como interação social, não é monológica, mas plurivalente e dialógica. A palavra é um ato de duas faces, determinado tanto por quem a emite, como por quem a recebe. A palavra existe em função do interlocutor, constituindo justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte ao servir de expressão de um em relação ao outro. O interlocutor não pode ser abstrato, pois não teríamos linguagem comum com tal

interlocutor, nem no sentido próprio nem no sentido figurado. (1981, p. 112-113) A palavra é o elo de ligação entre o locutor e o interlocutor, “é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.” (Bakhtin, 1981, p. 113)

Nesse sentido, a escrita é fundamental no processo interlocutivo, sendo a palavra o material privilegiado para a comunicação entre as pessoas. Para Bakhtin, a significação não está na palavra em si, mas é o efeito da interlocução, tendo uma significação enquanto união entre os interlocutores. Em relação a isso, o autor afirma:

Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. Aqueles que ignoram o tema [...] e que, procurando definir o sentido de uma palavra, atingem o seu valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo, é como se quisessem acender uma lâmpada depois de terem cortado a corrente. Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação. (1981, p. 12)

Para o teórico, a unidade mínima da língua é o diálogo, e não o enunciado monológico. O diálogo não pode ser considerado simplesmente como uma conversa entre duas pessoas; também quando se escreve se tem presente o outro, num processo de interlo-

cução, que consiste na relação que há entre o autor e o leitor. É a partir da interação com o interlocutor que o produtor de um texto o reelabora. A reescrita parte do texto original, considerando-o como um texto inacabado que, após um trabalho de reflexão sobre a linguagem, gera um novo texto, que não é a cópia *corrigida* do primeiro.

A linguagem entendida como sistema dialógico de signos valoriza o texto enquanto ato interativo. Segundo a concepção de Geraldi,

[...] o texto é uma seqüência verbal escrita coerente formando um todo acabado, definitivo e publicado: onde publicado não, quer dizer “lançado por uma editora”, mas simplesmente dado a público, isto é, cumprindo sua finalidade de ser lido, o que demanda o outro; a destinação de um texto é sua leitura pelo outro, imaginário ou real; a publicação de um texto poderia ser considerada uma característica acessória, entendendo-se que um texto não publicado não deixa de ser um texto. No entanto, o sentido que se quer dar aqui a publicado é o sentido de destinação a, já que um autor isolado, para quem o outro inexistente, não produz textos. (1997, p. 100)

Com essas características, Geraldi chega a um conceito operatório de texto: “Um texto é uma seqüência verbal escrita, formando um todo acabado, definitivo e publicado.” (1997, p. 101)

Podemos concluir que o texto nunca é um produto isolado; sempre se tem em conta um destinatário, que, com sua leitura, colabora na construção do seu sentido através de operações discursivas, realizadas com base em sua compreensão do texto. O texto constitui-se, portanto, num processo de interação.

O texto como produto da reescrita

A escrita de um texto é o resultado de um trabalho artesanal que exige esforço e dedicação. O texto não é fruto de uma idéia momentânea, mas de um processo de produção. Nesse sentido, Guedes afirma:

“Produção” de texto expressa a ação de escrever como um trabalho entre outros: cultivar a terra, pastorear cabras, consertar sapatos, dar aulas, apertar parafusos numa linha de montagem ou desapertá-los num ferro velho, engessar pernas quebradas. Não se trata de “compor”, isto é, de juntar com brilho, nem de “redigir”, isto é, organizar, mas de “produzir”, isto é, transformar, mudar, mediante uma ação humana, o estado da natureza com vistas a um interesse humano. (1994, p. 224)

A produção de um texto é o resultado de um processo de interação do autor com a linguagem para produzir sentidos. Todas as escolhas são determinadas pelo tipo de texto e pelo interlocutor. Assim, a reescrita assume um estatuto de vital importância uma vez que é nela que se processa o aperfeiçoamento necessário à decodificação do texto pelo leitor.

Na reescrita, ocorre a troca entre os papéis de escritor e de leitor. Ao se produzir um texto, realiza-se também a sua leitura. Desse modo, a reescrita é um processo de reconstrução, desencadeado pela leitura do texto. É a partir da avaliação e constatação de problemas do leitor que o escritor reelabora sua escrita.

A reescrita decorre da autonomia que o texto escrito tem. Na escritura, o autor precisa se antecipar ao leitor na formulação de eventuais dúvidas, revisando seu

texto para respondê-las. O interlocutor está longe e, por isso, a linguagem deverá ser a mais clara e exata possível. Na interação oral, o falante tem o interlocutor presente, cooperando para construir seu próprio discurso⁵ ou para explicar suas intenções. Na escritura, ao contrário, o redator está sozinho e toda a explicitação do sentido fica a seu cargo, atuando também como leitor. No caso de não ocorrer essa explicitação, o autor reescreverá o seu texto. A esse respeito, Kato afirma:

Na interação oral, o falante conta com o interlocutor cooperativo, que o ajuda a construir seu próprio discurso, complementando-o com sua própria fala, ou fazendo o falante clarificar as intenções. Na escritura o redator está sozinho, e toda a explicação de suas intenções fica a seu cargo. Como não conta com um interlocutor co-produtor, ele precisa atuar também como leitor, para confrontar o produto de sua leitura com o que foi sua intenção veicular. Havendo desencontro, ele terá que reescrever e atuar novamente como leitor, para ver se atinge a correspondência total entre o que escreveu e o que quis dizer. (1990, p. 133-134)

O processo de construção de um texto é geralmente imperfeito, necessitando ser trabalhado até se chegar a uma redação final. A reescrita permite ao autor se fazer entender e, ao leitor, receber uma explicação clara a respeito do que lê. A escrita de um texto, portanto, pode ser considerada um processo de reescrita.

A reescrita tem sido freqüentemente confundida com revisão. No entanto, essas duas tarefas são empregadas de modo distinto. A revisão é entendida como a correção em nível superficial que ocorre durante a escrita do texto, e a reescrita é a que acontece depois do texto já estar concluí-

do. Por isso, a reescrita ultrapassa a simples revisão de um texto. Para Halté, a correção dos aspectos lingüísticos intra e interfrásticos define o primeiro nível de correção e não deve ser confundida com reescrita. A mera revisão do texto designa um processo limitado no qual o objetivo é realizar o projeto inicial da escritura. A reescrita, por sua vez, consiste na troca de programa de partida e se traduz por modificações qualitativas ou quantitativas (1980, p. 20), as quais envolvem componentes como:

- *aspectos gramaticais*: entre outros, a ortografia, o uso de sinais de pontuação, a acentuação correta das palavras e a devida concordância verbal e nominal dos enunciados;
- *coesão e coerência*: mecanismos de coesão textual (conectores, referentes, substituição vocabular e elipse) e de coerência que o aluno utiliza para a conexão entre os vários elementos do texto;
- *clareza das expressões escritas e escolha vocabular*: vocabulário e expressões adequadas e claras para a explicitação dos objetivos a que o aluno se propõe no seu texto;
- *estrutura e tipologia textual eleita*.

A escrita de um texto envolve uma construção com momentos diferentes. Conforme Fiad e Mayrink-Sabinson, esses momentos são o planejamento de um texto, a escrita, a sua leitura pelo próprio autor e as modificações a partir dessa leitura. Para as autoras, não existe o texto acabado, mas ele segue um percurso, havendo sempre a possibilidade de ser continuado e reescrito. (1991, p. 55)

No planejamento do texto, encontram-se as idéias (os conceitos, as imagens, os

fatos) provenientes da memória, das leituras, das experiências e da invenção, relacionados ao tema a que se propõe escrever. (Petitjean, 1994, p. 11) Na primeira versão, o mais importante é a geração de idéias, registrando o pensamento da maneira mais completa possível. Para ser considerado satisfatório, o texto exige diversas releituras, que possibilitam reconsiderar uma série de decisões tomadas no pré-texto. Na reescrita, a preocupação volta-se para a forma mais adequada de organização dessas idéias. Alguns trechos podem ser eliminados, refeitos e aperfeiçoados; as frases, simplificadas ou ampliadas; os vocábulos, substituídos ou suprimidos, visando à coerência, à clareza e à articulação adequada para o entendimento. Nem sempre, portanto, é um erro que é corrigido, mas o que ocorre é o melhoramento do texto.

A redação final de um texto é possibilitada pelo processo de sucessivas reescritas, pois essas levam ao amadurecimento das idéias presentes no texto original. O projeto de escrita permite esperar um primeiro estado pré-textual. A evolução dos pré-textos leva à transformação do projeto em enunciados, os quais podem levar a novas redações. Portanto, pode-se dizer que um texto escrito uma única vez não é um texto, mas um pré-texto. Segundo Halté, o melhoramento do texto pode levar a várias reescritas, chegando até a quarta versão, que poderá iniciar um novo ciclo de trabalho. Cada etapa define o suporte do trabalho seguinte, estabelecendo os dados do problema seguinte. (1980, p. 20)

Guedes vai ao encontro dessas idéias afirmando que

[...] reescrever o texto, exercer a segunda e a terceira e a quarta chance é um direi-

to do escritor; direito do leitor é o de receber uma explicação mais clara a respeito daquilo que fez honesto esforço para entender. Escrever, por isso, é reescrever, uma prática de resto, invariavelmente verificada na forma de trabalhar de todos os escritores resgatados pela tradição letrada, tanto mais respeitáveis quanto mais precisamente tentarem expressar o que queriam dizer. (1994, p. 220)

Assim, entendemos ser a reescrita do texto uma prática indispensável. É um importante processo de reconstrução, que é desencadeado pela leitura do próprio autor. Em cada nova leitura do texto, percebeu-se com mais clareza as operações linguísticas realizadas. Isso possibilita um aprimoramento do trabalho do autor, dissipando as eventuais dúvidas e clarificando suas intenções.

A reescrita exige um trabalho de leitura, de análise e de reflexão que resultará na recriação do texto. A inspiração pode até gerar um primeiro impulso na produção textual, não significando, porém, que não deva ser retomada e trabalhada de forma consciente por parte do produtor. Uma mesma operação tem a possibilidade de ser realizada de várias maneiras. O professor, na condição de leitor, proporcionará ao aluno opções que desenvolvam competências de textualização. Às vezes, pode ser proveitoso envolver outros leitores, além do próprio autor, como colegas e professores de outras disciplinas, para que diferentes olhares enriqueçam a percepção sobre a sua produção textual.

Ação pedagógica

Ao se falar em ação pedagógica na reescrita de textos, é necessário resgatar a

noção de homem como sujeito. As atuais teorias educacionais construtivistas e interativas vêem o ser humano como alguém ímpar e único, capaz de criar e de modificar sua existência. Lançando um olhar para a escola, a sala de aula é vista como um espaço de desafios que possibilita uma postura ativa por parte do aluno na condição de sujeito que produz conhecimento. Conseqüentemente, uma questão é vital: a escola possibilita caminhos para que o aluno se sinta um sujeito capaz de progredir em sua competência comunicativa escrita?

Em pesquisa realizada com 25 professores das escolas de 2º grau de Bento Gonçalves, no ano de 1996,⁶ constatou-se que 52% deles não trabalhavam com reescritas de textos; 40%, às vezes, e apenas 8% trabalhavam sistematicamente com essa metodologia.

Dos professores que responderam às vezes, alguns explicaram que mandavam reescrever as redações com problemas e outros mandavam passar a limpo o texto com as devidas correções anteriormente assinaladas. Um expressivo número de professores afirmou que os alunos não gostavam de reescrever; outros reconheceram que seria o ideal, mas não havia tempo para isso por causa da sobrecarga de conteúdos e houve, ainda, os que afirmaram que nunca adotaram essa prática.

A pesquisa mostra ainda que, entre os professores que trabalhavam com reescritas, 50% liam esporadicamente o texto do aluno; 33% liam sempre e 16,70% não costumavam ler o texto reescrito. (Köche, 1996, p. 93-94)

Esses dados comprovam que a escola não tem clareza em relação à importância

da reescrita no processo de produção textual. O professor cobra do aluno a reescrita, no entanto, como o maior percentual mostra, lê às vezes o texto reescrito. O professor, portanto, não toma conhecimento de como os alunos estão aperfeiçoando o seu texto, não podendo fazer uma avaliação da sua aprendizagem.

Normalmente, o aluno não gosta de reescrever seu texto. Na maioria das vezes, isso ocorre por falha do próprio professor, que não sabe utilizar o recurso da reescrita de forma adequada. Desde as séries iniciais, o aluno habitualmente escreve textos sem reescrevê-los, restringindo-se apenas a *passá-los a limpo*, com as correções efetuadas pelo professor. Em geral, o aluno não é educado para refazer suas tarefas, recebendo um conceito na primeira versão apresentada ao professor. Na verdade, o trabalho reescrito é que deve ser avaliado, e não o primeiro. Esse procedimento pode ser um estímulo para o aluno reescrever seus textos e, conseqüentemente, despertar nele o gosto pela reescrita, uma vez que percebe o resultado de seus esforços. Através da reescrita, o professor tem um conhecimento de como os alunos estão construindo seu texto. A avaliação é, então, o resultado de um acompanhamento passo a passo na trajetória da construção.

O aluno chega à universidade com a concepção de texto acabado, revelando problemas de toda ordem em seus textos, posto que não entende a produção textual como um trabalho que deve ser melhorado através da reescrita. As dificuldades apresentadas vão desde o nível de recepção do tema proposto até o nível de produção do texto. Além disso, apresentam problemas ortográficos, gramaticais, de coesão e coerên-

cia, que deveriam ter sido sanados, pelo menos em parte, no 1º e 2º graus.

A consciência do professor em relação ao papel da reescrita, portanto, é fundamental, pois é através dela que o aluno tomará consciência de seus erros e problemas, encontrando caminhos para solucioná-los. É tarefa do professor mostrar ao aluno que a qualidade de um texto é obtida com a reescrita e/ou reescritas. O professor ajuda a potencializar a produção do aluno na medida em que o incentiva a fazer reescritas para que perceba toda a complexidade do ato de escrever. É muito importante que se observem, no texto do aluno, os seus méritos e os seus avanços, reconhecendo-os e apontando-os. É necessário, também, tornar claro o porquê das inadequações ocorridas no texto, para que ele realmente aprenda a escrever.

Muitas vezes, o professor não sabe explicar problemas textuais que encontra, limitando-se a escrever observações como *confuso, sem sentido, inadequado*, ou, simplesmente, colocando um *ponto de interrogação*. Não havendo a explicitação clara por parte do professor a respeito de seus problemas, essas observações não contribuem para a identificação da dificuldade. Desse modo, torna-se imprescindível a relação entre as pesquisas lingüísticas e a prática pedagógica para que o ensino da escrita se torne eficiente.

Ler as reescritas é um meio de verificar como o aluno está avaliando a sua escrita, como está processando a aprendizagem, como está reconstruindo o seu texto para torná-lo melhor e quais os problemas de aprendizagem que ainda persistem. (Köche, 1996, p. 163) O professor poderá orientar o aluno no processo de reescrita

através de recados numerados no próprio texto que apontem os erros e problemas em relação aos aspectos gramaticais, à coesão e à coerência, à clareza das expressões e à estrutura da tipologia textual eleita, entre outros, sugerindo modificações.

Sob o olhar das relações intrínsecas ao ato pedagógico, o professor é o leitor mais importante do texto de seus alunos. Outras leituras podem ser feitas, mas é a profundidade da leitura realizada pelo professor que qualificará ainda mais o texto original, através das reescrituras. A reescrita deve ser, portanto, planejada, constando no plano de ensino do professor. Para isso, ele deve ter critérios claros e objetivos definidos para orientar de forma adequada o aluno. Direta ou indiretamente, na sala de aula, o aluno precisa sentir o estágio em que sua produção se encontra para que, acima de tudo, os textos escolares não sejam produtos acabados em si mesmos, mas produtos reais que possam circular socialmente.

A escola tem a função de propiciar práticas que façam com que o aluno tenha o controle dos mecanismos com os quais está lidando quando escreve. Esses mecanismos envolvem o domínio dos processos discursivos e textuais. O que se exige do aluno é que ele se transforme em *autor*, responsável pela sua escrita, pois dele será cobrado um texto que seja compreensível e interpretável. Segundo Orlandi, o autor é a função que o *eu* assume enquanto produtor da linguagem. (1988, p.77)

Considerações finais

No trabalho com reescritas, professor e aluno caminham juntos num processo interativo. O professor monitora a produção de cada aluno, sendo sensível às suas neces-

sidades e valorizando suas características próprias. Nessa interação, entram a cooperação, a partilha e também os conflitos, que promovem uma tomada de posição. O professor torna-se co-autor do texto elaborado pelo aluno. Nessa perspectiva, surge o novo conceito de aluno: um sujeito individual, crítico, co-responsável pelo processo educativo, que constrói em parceria com o professor o seu conhecimento.

Na singularidade das aulas de língua portuguesa, o texto passa a ser um espaço concreto de um fazer que pode ser aperfeiçoado continuamente. A reescrita, então, configura-se como um processo de qualificação para que o aluno se torne autor e o seu texto tenha validade social.

NOTAS

- ⁵ Para Pécora, discurso consiste na produção do texto com a marca pessoal e intransferível do autor, não caricaturada por clichês prontos, preservando a capacidade de resguardar a individualidade de seu sujeito e renová-la, desdobrá-la, na leitura de seus possíveis interlocutores. (1992, p. 15)
- ⁶ Dados extraídos do trabalho científico *O ensino da dissertação nas escolas de segundo grau de Bento Gonçalves: características, problemas e alternativas de solução*. Dissertação (Mestrado) - UFRGS, 1996.

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem* (Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem). Trad. por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura T. A escrita como trabalho. In: *Questões de linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1993. p. 54-63.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GUEDES, Paulo C. *Ensinar português é ensinar a escrever literatura brasileira*. Tese (doutorado) -

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

HALTÉ, Jean-Francois. Savoir écrire - savoir faire. *Pratiques*, 61, p. 3-28, mar. 1989.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

KÖCHE, Vanilda Salton. *O ensino da dissertação nas escolas de segundo grau de Bento Gonçalves: características, problemas e alternativas de solução*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PETITJEAN, André. Maîtrise de l'écrit 6e: un manuel pour apprendre à écrire au collège. *Pratiques* 82, p. 7-19, juin 1994.

TELLES, Lygia Fagundes. *Para gostar de ler*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1988.